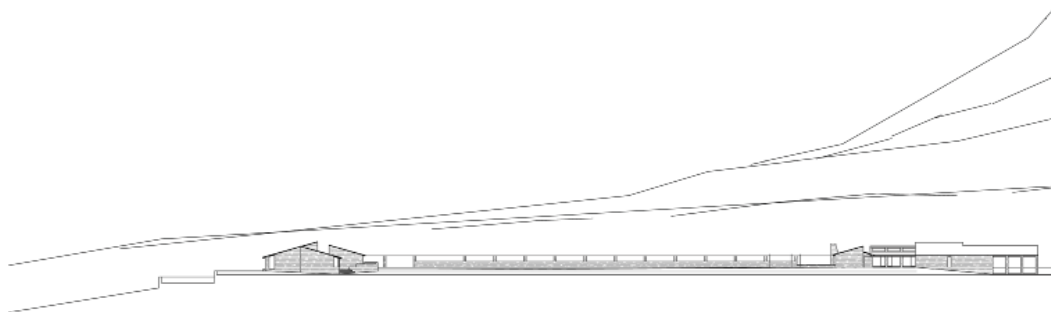


2 a 4 jul. 2021



© ALFREDO MATOS FERREIRA | FIMS

# Paisagem e Arquitectura da vinha e do vinho

---

**exposição**

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

SIMPLESMENTE... VINHO 2021  
SALA 1 — CASA COR DE ROSA

A exposição ‘Paisagem e Arquitectura: da Vinha e do Vinho’ propõe uma viagem da Ilha do Pico, nos Açores, às encostas da Madeira, dos vales no Douro Vinhateiro a outras regiões demarcadas. Uma viagem pelo reconhecimento e intervenção no património paisagístico e arquitectónico vitivinícola, pela história das quintas, pela produção e transformação do território, por acções de recuperação, renovação, intervenção e inovação arquitectónicas... Expondo dissertações de Mestrado Integrado em Arquitectura, projectos, obras e outras investigações da autoria de docentes, antigos docentes e investigadores da FAUP, a exposição parte ao reencontro de uma ‘vocação do Terroir Madeira a partir das transformações na arquitectura da paisagem vitícola’, explora os ‘Espaços do Vinho’, projectos para novas caves e adegas e intervenções em adegas existentes e outros espaços associados à produção do vinho. Analisa e apresenta projectos para novos centros de enoturismo. Procura, nesta viagem, compreender os desafios contemporâneos colocados aos arquitectos na concepção dos espaços do vinho, entre rituais ancestrais e a eficácia programada das ‘máquinas do vinho’, entre a memória histórica-cultural e as inovações tecnológicas, entre beleza e sustentabilidade.

#### ORGANIZAÇÃO

\_ FAUP  
 Conselho Executivo  
 \_ simplesmente...Vinho

#### COMISSÁRIAS

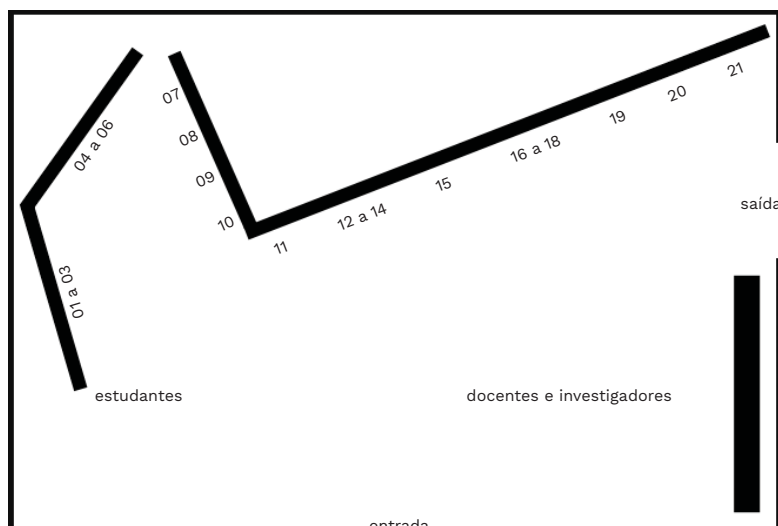
\_ Carla Garrido de Oliveira  
 \_ Filipa Guerreiro  
 \_ Maria José Casanova

#### PRODUÇÃO, APOIO LOGÍSTICO E MONTAGEM

\_ Cláudia Almeida  
 \_ Carolina Medeiros  
 \_ Nuno Machado  
 \_ Anselmo Aires  
 \_ Joaquim Rocha  
 \_ João Valentim  
 \_ Rosa Ferreira

#### AGRADECIMENTOS

\_ FG + SG Fotografia  
 de Arquitectura  
 \_ Fundação Instituto  
 Marques da Silva



**Terroir Madeira  
uma vocação reencontrada,  
(trans)formações na arquitetura  
da paisagem vitícola**

**001 a 006** DAVID OLIVEIRA, 2019  
sob orientação de Filipa Guerreiro  
e Carla Garrido

**A tradição da espessura:  
o uso de terra compactada na  
construção de uma linguagem  
contemporânea**

**012 a 014** ANA RAQUEL M. TORRES, 2020  
sob orientação de Marco Ginouliac

**Espaços do Vinho  
Proposta para uma adega  
em Cambres, Lamego**

**007** MARIA TERESA F. ALMEIDA, 2013  
sob orientação de Adalberto Dias

**Projeto de ampliação  
da adega 100Hectares  
A construção da paisagem  
pela experiência de projeto**

**015** FILIPA MESQUITA BARROS, 2018  
sob orientação de Luís Viegas

**Construir a distância  
Projecto para uma adega  
no Vale de Almahue**

**008** JOÃO DUARTE GONÇALVES, 2017  
sob orientação de João Pedro  
Seródio

**A arquitectura dos sentidos  
Um projecto de enoturismo  
no Douro**

**016 a 018** BÁRBARA ABREU V. BERNARDO, 2018  
sob orientação de José Cabral Dias

**A quinta das Testemunhas,  
no Alto Douro vinhateiro  
Projeto de arquitetura  
em tempo real**

**009** BÁRBARA VIANA DE OLIVEIRA, 2016  
sob orientação de Camilo Rebelo  
e Teresa Fonseca

**A máquina do vinho  
Espaço em potência**

**019** BERNARDO JOÃO L. VINAGRE, 2020  
sob orientação de Raquel Paulino

**Arquitetura  
e construção de paisagem  
o Douro  
e a adega da quinta do Granjal**

**010** JORGE MIGUEL A. C. TRIGO, 2016  
sob orientação de Álvaro Domingues  
www.miguel-trigo.com

**Desenhar um Romance  
Projecto  
do Centro de Enoturismo  
para a Quinta da Aveleda,  
Penafiel**

**020** PEDRO EMANUEL SOUSA COLAÇO  
LEAL, 2015  
sob orientação de Carlos Prata

**O Legado d'A Ferreirinha  
Património arquitetónico  
e paisagístico  
no Douro Vinhateiro**

**011** ANA SOFIA CARDOSO SILVA, 2020  
sob orientação de Teresa Calix  
e Carla Garrido de Oliveira

**Proposta de valorização  
de um sistema patrimonial  
Enoretiro [i.e. enorretiro]  
de S. Pedro das Águias**

**021** ANA CATARINA R. FERREIRA, 2020  
sob orientação de Teresa Ferreira

**01 Adalberto Dias**  
Reconstrução e ampliação  
da Unidade de Turismo  
Quinta de Santo António  
[Concurso de Ideias]  
Adorigo, Tabuaço, 2019



**02 Alfredo Matos Ferreira**  
Instalações agrícolas  
Quinta do Joanamigo  
Barca d'Alva  
1962



**03 Álvaro Domingues**  
Vinhas do Pico  
Pico, Açores  
2019



### Álvaro Siza

**04** Adega Campo Mayor  
Campo Maior  
2003

**05** Quinta do Portal  
Sabrosa  
2008



**06 André Santos**  
Museu do Vinho da Bairrada  
Anadia  
1987—2004



**07 Camilo Rebelo**  
Museu da Cidade  
— Extensão do Douro  
[Inicialmente  
Museu do Vinho do Porto]  
2017—2020



**08 Carlos Machado e Moura**  
—MAVAA architectos  
Villa Campestri Olive Oil Resort  
Vicchio, Firenze, Italia  
2010—2011



**09 Eduardo Souto de Moura**  
Adega Casa Sarmento  
Sepins, Cantanhede  
2007—2010

**10 Eliseu Gonçalves**  
—Ascoral Arquitectura  
Quinta de Soalheiro  
Alvaredo, Melgaço  
2016—2020



**11 Filipa de Castro Guerreiro**  
'Colónia Agrícola de Pegões'  
Princípio de desenho  
dos assentamentos  
da Junta de Colonização Interna  
\_Tese de Doutoramento, 2016



### Francisco Vieira de Campos

—Menos é Mais Architectos

**12** Hotel Rural Casa do Rio  
Quinta do Orgal  
Castelo Melhor, Vila Nova de Foz Côa  
2013—2014



**13** Adega da Quinta do Vallado  
Vilarinho de Freires, Peso da Régua  
2007—2010



**14** Hotel da Quinta do Vallado  
Vilarinho de Freires, Peso da Régua  
2007—2010



**15** Adega da Quinta do Crasto  
Gouvinhas, Sabrosa, Vila Real  
2017



**Graça Correia**  
—Correia/Ragazzi Architectos



Quinta em Guimarães  
Guimarães  
2011

17



Agroturismo em Melgaço  
Melgaço  
2013

18



**João Luís Marques**  
Casa(s) em Valdigem  
Proposta de melhoramentos  
para uso quotidiano e turístico  
Valdigem  
2020

**João Pedro Serôdio**  
—Serôdio Furtado & Associados

19 Proposta para a Adega da Quinta de Nápoles, Niepoort  
Armamar, Viseu  
1999

20 Proposta para a Adega da Quinta do Fojo — Concurso 1.º Prémio  
Favaios, Alijó  
2001

21 Proposta para a Adega do Pintas  
Vale Mendiz, Alijó  
2005

22 Adega de Chocapalha  
Alenquer, Lisboa  
2005—2011

23 Proposta para a Adega do Cadaval  
no Cadaval  
Lisboa  
2017



24

**José Paulo dos Santos**  
Suporte de cascos para permitir  
decantação por gravidade  
Quinta de Covela, S. Tomé  
2006

25

Casa agrícola, recuperação de  
tanque/piscina inserido em vinhedo  
Vilar do Torno e Alemtém  
2021

26



**Luís Pedro Silva**  
Quinta da Torrinha  
Vila Nova de Foz Coa  
2019—2020

27



**Nuno Brandão Costa**  
Adega do Solar do Prado  
Trevões, Douro  
2013—2015

**Nuno Lacerda Lopes**  
—CNLL, Architects

28



Herdade da Espirra  
Setúbal  
2016

29



Herdade do Redondo  
Alentejo  
2007

30



Areal Wine label design  
Quinta da Pousada  
2007

**Nuno Valentim**  
— Nuno Valentim, Frederico Eça,  
depA architects

31



Unidade de Turismo e Adega  
Quinta de Santo António—Concurso  
Adorigo, Tabuaço  
2019



## **Paisagens e arquitecturas da vinha e do vinho** **Álvaro Domingues**

*O fundo d'esse quadro é um verde sem nódoa; mas um verde diversamente concentrado; mais carregado nos valles e ribeiras, onde a profundidade do terreno e as exalações nocturnas dão maior viço á vegetação; e nos topes das collinas sobre os quaes obram só os raios directos do sol, e cuja temperatura pela irradiação se torna mais baixa; claro e tirando para o amarello, no meio das encostas, onde á acção de raios directos vem juntar-se a reverberação das collinas fronteiras, aonde a terra é mais delgada e a parte vegetal menos abundante, porque as agoas a levam de rojo para os valles. Sobre esse campo verde se vêem estendidas as fitas acinzentadas da alvenaria, que lhe forma os socalcos, sempre parallelamente á base do outeiro. E pelo meio d'essas vinhas uma povoação continuada...*

Villa Maior



Uma vinha é muito mais do que uma plantação de videiras, um sistema puramente agronómico decifrável sem recurso a outras dimensões e usando as oposições simples e convencionais entre Natureza e Cultura ou entre Técnica e Discurso. A terra, a base sobre a qual o vinhedo se ergue, é, ao mesmo tempo, uma parcela de solo exposta à variação dos fenómenos biofísicos – à torreira do sol de Verão que torna as uvas doces, ou à frescura que desenvolve os aromas do fruto maduro, ou ao cataclismo da tempestade de granizo que tudo destrói ainda o bago mal despontou -, mas é também algo sobre o qual incidem decisões globais sobre concorrência e preços, ou, num registo completamente diferente, um cultivo em forma de paisagem que pode alimentar imaginários poderosos mesmo na distração ligeira de quem passa.

Não raro, a energia prodigiosa de uma videira, agarra-se aos solos mais pobres e acidentados, às areias, às pedras, à secura, resistindo a essas condições adversas e, desde técnicas ancestrais de cultivo, estimulando a imaginação dos humanos para a criação de novas variedades, continuadas melhorias da produção, combates a pragas e à erosão dos solos e, no limite, desafiando mestrias tecnológicas para construir paisagens sintéticas de uma singularidade inesperada.

Nenhuma das castas actuais de *Vitis vinifera* existe de forma espontânea - tudo é engenho e artifício.

As histórias da vinha e do vinho guardam relatos surpreendentes, registam mudanças súbitas e dramáticas, acumulam saberes e crenças de uma riqueza e de uma espessura infindáveis. Por isso se diz que o vinho produziu civilizações, tal como outros alimentos centrais na antiga economia da bacia do Mediterrâneo como o azeite e o trigo. O vinho era uma dádiva dos deuses. Dionísio e Baco presidiam a orgias e bacanais que celebravam os ciclos vitais, a fertilidade, o sangue, a alegria, a música, o prazer e o delírio do vinho. Depois do dilúvio, Noé plantou uma vinha, produziu vinho e embebedou-se. Seguindo a teologia cristã, no sacramento da eucaristia, o vinho simboliza o sangue de Cristo e a união eterna com a divindade.

Produto e objecto de referências culturais genéricas, o vinho é, ao mesmo tempo, fazedor de localismos. A expressão francesa *terroir* significa isso mesmo – uma geologia, um solo, um chão onde crescem as vinhas, um vale, um clima, um modo de as plantar, tratar e podar, uma selecção de castas, o nome de um lugar, de uma propriedade ou de uma grande casa, um chateau, um método de vinificação, uma adega, uma marca. Em suma, uma tradição fincada na terra, numa origem, numa linhagem, na manutenção de características únicas, que asseguram um reconhecimento simbólico resultante de uma política estrategicamente focada em objectivos comerciais concretos.

Em tempos de normalização, de globalização e de produção de bens e serviços genéricos e reprodutíveis, o terroir acrescenta uma distinção e uma visibilidade associadas à qualidade, mesmo que para isso o passado e a tradição tenham que ser reinventados e legitimados por um quadro jurídico de protecção como a denominação de origem controlada, DOC. O terroir inscreve-se nos antípodas da tendência dominante em matéria de território: a desterritorialização. Revistas como a *Wine Spectator*, sobretudo quando falam de vinhos oriundos de fora do Velho Mundo, exemplificam claramente as estratégias de construção identitária alternativas ao terroir – castas, aromas, processos de vinificação, colecionadores, provas, enólogos, adegas com certificação LEED, Leadership in Energy and Environmental Design... e, sobretudo, poder económico e publicidade. O panorama é bastante longínquo daquele que Les Grands Crus Classés (1855) usa para ordenar os châteaux de Bordéus presentes nesse ano na Exposição Universal de Paris.

A capacidade de produção de imaginário da vinha e do vinho é, pelo que foi dito, inesgotável. Cabem aí os temas da sustentabilidade, da cientifização e da estetização do vinho, da alta tecnologia, de novas invenções como a do “vinho natural”, da patrimonialização (como o Alto Douro e o Pico), da penetração no mercado chinês, da associação com o enoturismo, ou qualquer outro relato que tenha o condão de produzir um encantamento com viabilidade mercantil.

Descendente de imigrantes italianos, Robert Mondavi (1913 - 2008), o grande inovador do *fine wine business* do Napa Valley californiano, marcou uma viragem fundamental na tradução dos terroir de França e de Itália para os EUA. Era fundamental construir uma adega, um símbolo identitário e, ao mesmo tempo, um local para visitas, para provas, concertos, peças de teatro e outros acontecimentos culturais. A escolha do projectista recaiu em Cliff May, o designer e fabricante de mobiliário, e, depois, de casas, sócio em 1953 do Ranch House Corporation que vendia com enorme sucesso um estilo Californiano que a elite apreciava e a imprensa divulgava – sobretudo o *Sunset Magazine*, entretanto instalado em Menlo Park num edifício desenhado por Cliff May, a *Sunset House* -, acentuando a relação intensa entre o exterior e o interior, os pátios, as grandes portas de correr inteiramente envidraçadas, as arcadas inspiradas nas velhas missões católicas espanholas do México e da Califórnia. A propósito da adega, diz Robert Mondavi:





*I remember when I was a member of the board of directors of the Wine Institute, the owners of Sunset magazine, Bill Lane and his brother Mel, invited the directors of the Wine Institute to the Sunset House in Menlo Park when it was first built. I just marveled at that building and how beautiful it was, how intimate. It had a warm feeling to it. I never had any idea that I was going to build another winery, but I said to myself, "If I ever built a winery, this is what I would like to have, something like this." Even though it's small in that regard, and beautiful, I felt it could be adapted as a winery. (...)*

*He (Bill Lane) gave me the name, the address. He called Cliff May and he left word there. (...)*

*So that's the agreement I had with Cliff May. He designed that arch. I told him at that time I was interested in a winery where we could have cultural events, like plays or symphonies and things such as that, and I'd like to have an accomodation for at least five hundred to a thousand people. Then I told him that I would like to have tours through the winery. But I want something that has aesthetic value. I said I was very impressed by what he did at Sunset House.*

Robert Mondavi (1984), Creativity in the California wine industry – an interview conducted by Ruth Teiser in The Wine Spectator California Winemen Oral History Series. Berkeley: University of California, p.63/64 [https://digitalassets.lib.berkeley.edu/roho/ucb/text/mondavi\\_robert\\_w.pdf](https://digitalassets.lib.berkeley.edu/roho/ucb/text/mondavi_robert_w.pdf)

Em 1966, junto à autoestrada 29, a Robert Mondavi Winery abria ao público chegando a registar 300 000 visitantes num só ano. O grande arco e a torre (lembrando uma torre sineira italiana) são a imagem de marca deste império mundial dos vinhos.

Estava assim iniciado um novo ciclo, a par e passo com o aprofundamento do processo de globalização do vinho em tudo diferente àquele pelo qual passou o Vinho do Porto com a Inglaterra no séc. XVIII. O Velho Mundo perdeu o monopólio do vinho. Itália, França e Espanha continuam a ocupar os lugares cimeiros, com uma produção anual, em 2020, entre os 40 e os 50 milhões de hectolitros (mlh); segue-se os EUA com cerca de 24, seguidamente a Argentina, o Chile, a Austrália, a Alemanha e a África do Sul (entre 10 e 15 mlh), com Portugal, abaixo da China e da Rússia, ocupando o 12º lugar com 6.1 mhl e uma muito considerável diversidade e qualidade de vinhos.

Com a globalização aumenta a dimensão das empresas e as participações cruzadas de capital nas várias regiões e países produtores. Ao mesmo tempo, aumenta também o número de pequenos produtores, a diversidade e os segmentos de mercado que se podem explorar e os modos de o fazer, incluindo, claro está, as ferramentas disponíveis na internet.

Alinhando pelas tendências de fundo daquilo que Gilles Lipovetsky e Jean Serroy chamam a “cultura-mundo”, o mundo do vinho vê-se confrontado entre a norma do genérico global e a excepcionalidade dos localismos dos velhos e novos *terroirs*; entre um e outro extremo, todas as combinações são possíveis.

Assim também a arquitectura. Ao lado das velhas casas onde se produz há séculos vinho com linhagem garantida, existem adegas “de autor” mundialmente conhecidas, projectadas por arquitectos de excepção e que respondem a programas da maior elevada exigência técnica e funcional; tal como existem fábricas de vinho desencantadas com as suas cubas de aço inoxidável. Os mais exigentes querem, ao mesmo tempo, a linguagem contemporânea da boa arquitectura, a sua circulação garantida na esfera mediática global, os requisitos da alta tecnologia, e o espírito local do *terroir*, *something that has aesthetic value*, como dizia Robert Mondavi. O resto, como escreveu Agustina Bessa-Luís a propósito do Douro, ... *eram pequenas casas de telhados caídos, com neves aparecendo sobre o roçagar verde dos laranjais. O proprietário de módicos rendimentos, às vezes saído da faixa militar, ou o negociante de panos, ou o clérigo com filhos e cães de caça; ou o consignatário de companhias inglesas, era o que mais havia. Sempre endividado, sempre com hipotecas a vencer, sempre lutando com o aumento dos salários e dos adubos, sempre abatido pelo preço dos vinhos, o lavrador do Douro era um colosso de persistência, de afinção com o destino, de segura*

*empresarial. Ainda tinha um vislumbre poético para plantar um cipreste ao canto do jardim, que via crescer, apontando-lhe o espaço como uma bala negra e moldada ao sabor dos séculos. Esperava pacientemente um ano bom para casar as filhas e refazer o telhado. Era dado a extravagâncias, comprava um pónei para as crianças, e uma peliça para ele próprio. Gastava, quando tinha; quando não tinha, era arrogante e frequentava as mulheres com uma sensualidade catastrófica.*

Agustina Bessa-Luís (1991), Vale Abraão. Lisboa: Guimarães Editores, p.10.

Espalhados por socalcos minúsculos, à sombra das grandes quintas, palacetes e adegas, continuam a existir no Alto Douro pequenos produtores de uvas com e sem vislumbres poéticos. Mas a terra do vinho alarga-se por esse mundo sem sinais de outra filoxera (até quando a engenharia genética resolver o assunto de vez) que não seja a impaciência dos mercados, e as muitas formas de fermentar o capital.

Como cantou Miguel Torga, *Vinde à terra do vinho, deuses novos!*



**Terroir, a espessura do vinho!  
O sabor de uma paisagem antrópica  
expressa-se no equilíbrio entre as condições geográficas  
e as práticas culturais multisseculares de um povo.  
O líquido, que há séculos assinala rituais de celebração,  
encerra, na sua densidade,  
uma multiplicidade de acções e conhecimento.  
Representa um corte geológico, humano, cultural,  
temporal, matérico, atmosférico...  
Sinal da violência dos processos produtivos de outrora,  
do domínio da potência geológica,  
da resistência às fúrias climatéricas  
e a outras forças físicas e biológicas...  
Sinal do desenho e transformação da paisagem,  
obra colaborativa dos homens com a Terra...  
Sinal do esforço e suor humanos,  
mas também da invenção e inovação técnica e tecnológica...  
Compreender o vinho e a vinha  
é compreender a história dos lugares,  
do registo e da transmissão de memória.**

Carla Garrido de Oliveira  
Filipa de Castro Guerreiro  
Maria José Casanova



[www.arq.up.pt](http://www.arq.up.pt)  
[simplesmentevinho.com](http://simplesmentevinho.com)

**ORGANIZAÇÃO**